

# Metamorfose e liderança: a missão das mulheres no mundo

*Metamorfosis y Liderazgo: La Misión de las Mujeres en el Mundo*

*Metamorphosis and Leadership: The Mission of Women in the World*

Eliara Marli Rosa<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo propõe uma reflexão teológico-pastoral sobre os desafios e perspectivas da missão evangelizadora da Igreja no contexto contemporâneo, marcado pela secularização, pelo pluralismo cultural e pelas crises éticas, antropológicas e ecológicas. A pesquisa se orienta pelas seguintes questões: De que maneira a figura de Maria pode ser compreendida como paradigma da missão da mulher na Igreja contemporânea? Como a aplicabilidade prática do contido nos documentos do Concílio Vaticano II, especialmente *Lumen Gentium* e *Ad Gentes*, fundamentam a participação feminina na missão evangelizadora? Quais caminhos pastorais podem ser inspirados na espiritualidade mariana para fortalecer lideranças femininas e comunidades eclesiais? O estudo busca analisar a missão da mulher como paradigma de metamorfose e recriação, iluminada pela figura de Maria, considerada chave hermenêutica da identidade missionária da Igreja. A partir dos documentos do Concílio Vaticano II, destacam-se fundamentos trinitários, cristológicos e eclesiais que orientam a missão feminina e a participação ativa do laicato. Maria é apresentada não apenas como objeto de devoção, mas como ícone de escuta, cuidado e discipulado, apontando caminhos para uma Igreja sinodal, samaritana e missionária. O método teológico-pastoral adotado é o ver-julgar-agir, articulando escuta crítica da realidade, discernimento e compromisso de ressignificação da missão da mulher no mundo. Ao considerar o Jubileu de 2025, que celebra os 60 anos do Concílio Vaticano II, o artigo propõe reflexões sobre o fortalecimento das lideranças femininas e comunidades eclesiais em uma Igreja que valoriza o cuidado, a escuta e a esperança.

Palavras-chave: Maria; Metamorfose; Missão; Mulher; Mundo.

## Resumen

Este artículo ofrece una reflexión teológico-pastoral sobre los desafíos y las perspectivas de la misión evangelizadora de la Iglesia en el contexto contemporáneo, marcado por la secularización,



<sup>1</sup> “O presente trabalho foi realizado com o apoio da PUCRS por meio do Programa Institucional de Bolsas PRO-Stricto”. “This study was supported by the PRO-Stricto Scholarship Program - PUCRS”. <http://lattes.cnpq.br/4047638703572983>;

ón, el pluralismo cultural y las crisis éticas, antropológicas y ecológicas. La investigación se orienta a partir de las siguientes preguntas fundamentales: ¿De qué manera puede comprenderse la figura de María como paradigma de la misión de la mujer en la Iglesia contemporánea? ¿Cómo la aplicabilidad práctica de las enseñanzas contenidas en los documentos del Concilio Vaticano II - en particular *Lumen Gentium* y *Ad Gentes* - ofrece un fundamento teológico para la participación de las mujeres en la misión evangelizadora? ¿Qué caminos pastorales, inspirados en la espiritualidad mariana, pueden fortalecer el liderazgo femenino y la vitalidad de las comunidades eclesiales? El estudio tiene como objetivo analizar la misión de la mujer como paradigma de metamorfosis y recreación, iluminada por la figura de María, considerada clave hermenéutica de la identidad misionera de la Iglesia. A partir de los documentos del Concilio Vaticano II, el artículo pone de relieve fundamentos trinitarios, cristológicos y eclesiológicos que sustentan y orientan tanto la misión de las mujeres como la participación activa del laicado. María se presenta no solo como objeto de devoción, sino como icono de escucha, cuidado y discipulado, señalando caminos hacia una Iglesia sinodal, samaritana y misionera. El método teológico-pastoral adoptado es el ver-juzgar-actuar, el cual integra una escucha crítica de la realidad, el discernimiento teológico y el compromiso con una resignificación de la misión de la mujer en el mundo. En el marco del Jubileo de 2025, que conmemora los sesenta años del Concilio Vaticano II, el artículo propone reflexiones orientadas al fortalecimiento del liderazgo femenino y de las comunidades eclesiales en una Iglesia que valore el cuidado, la escucha atenta y la esperanza.

Palabras clave: María; Metamorfosis; Misión; Mujer; Mundo.

## Abstract

This article offers a theological-pastoral reflection on the challenges and prospects of the Church's evangelizing mission in the contemporary context, marked by secularization, cultural pluralism, and ethical, anthropological, and ecological crises. The research is guided by the following central questions: In what ways can the figure of Mary be understood as a paradigm for the mission of women in the contemporary Church? How does the practical applicability of the teachings found in the documents of the Second Vatican Council - particularly *Lumen Gentium* and *Ad Gentes* - provide a theological foundation for women's participation in the evangelizing mission? What pastoral pathways, inspired by Marian spirituality, can foster female leadership and the vitality of ecclesial communities? This study aims to analyze the mission of women as a paradigm of metamorphosis and re-creation, illuminated by the figure of Mary, who is regarded as a hermeneutical key to the Church's missionary identity. Drawing from the documents of the Second Vatican Council, the article highlights Trinitarian, Christological, and ecclesiological foundations that inform and support the mission of women and the active participation of the laity. Mary is presented not merely as an object of devotion, but as an icon of listening, care, and discipleship - pointing toward a synodal, Samaritan, and missionary Church. The theological-pastoral method employed is the *see-judge-act* approach, integrating critical listening to reality, theological discernment, and a commitment to re-signifying the mission of women in the world. In light of the 2025 Jubilee, which commemorates the 60th anniversary of the Second Vatican Council, the article proposes reflections on strengthening female leadership and ecclesial communities within a Church that values care, attentive listening, and hope.

Keywords: Mary; Metamorphosis; Mission; Woman; World.



## 1. Introdução

O presente artigo, intitulado *Metamorfose e liderança: a missão das mulheres no mundo*, propõe uma reflexão teológico-pastoral sobre o papel das mulheres na missão da Igreja, a partir de uma releitura dos fundamentos eclesiológicos do Concílio Vaticano II. Ao adotar a categoria *metamorfose* como chave hermenêutica, busca-se evidenciar o dinamismo transformador da missão evangelizadora e o protagonismo feminino nas estruturas e práticas eclesiais.

O cenário contemporâneo é marcado por intensas transformações socioculturais, tensões entre secularização e espiritualidade, pluralismo ético e crises de ordem antropológica e ecológica. Diante desses desafios, o anúncio do Evangelho exige discernimento teológico, criatividade pastoral e uma autêntica ressignificação da consciência missionária da Igreja. Essa metamorfose inclui o modo como a comunidade eclesial reconhece, valoriza e promove a vocação missionária das mulheres. O binômio “metamorfose e liderança” surge, assim, como interpelação teológica e pastoral, convidando a repensar modelos de participação, autoridade e cuidado no interior da Igreja.

Esta pesquisa propõe recuperar a figura de Maria não apenas como objeto de devoção, mas como ícone de escuta, fidelidade e discipulado missionário. Compreendida como paradigma da missão feminina, Maria ilumina uma eclesiologia sinodal, samaritana e em saída, oferecendo inspiração para uma teologia da liderança ancorada na Tradição e comprometida com a transformação do mundo.

A investigação é guiada pelas seguintes questões: de que forma Maria pode ser entendida como paradigma da missão da mulher na Igreja contemporânea? Em que medida os documentos do Concílio Vaticano II oferecem fundamentos teológicos e pastorais para reconfigurar a liderança feminina na missão eclesial? E, quais caminhos pastorais, inspirados na espiritualidade mariana, podem fortalecer o protagonismo das mulheres nas comunidades atuais? Estabelece-se como objetivo geral refletir sobre a metamorfose da missão feminina na Igreja e no mundo, tendo Maria como chave hermenêutica e paradigma do discipulado missionário, para fortalecer o compromisso evangelizador das lideranças femininas no contexto atual.

Como desdobramentos, definem-se os seguintes objetivos específicos: aprofundar os fundamentos trinitários, cristológicos e eclesiológicos da missão, à luz do Vaticano II; interpretar Maria como paradigma da missão da mulher na Igreja; e identificar caminhos pastorais que favoreçam o protagonismo feminino na missão e liderança eclesial, inspirados pela espiritualidade mariana e pelos princípios de uma Igreja sinodal, peregrina e samaritana.

A metodologia adotada insere-se na tradição teológico-pastoral latino-americana, por meio do método *ver-julgar-agir*, que articula escuta crítica da realidade, discernimento à luz da fé e compromisso com práticas pastorais transformadoras. Tal abordagem assegura que a reflexão não permaneça no plano teórico, mas dialogue com a vida concreta das mulheres nas comunidades eclesiais.

A relevância deste estudo é intensificada pelo contexto do Jubileu de 2025, que celebra os sessenta anos da conclusão do Concílio Vaticano II. Esse marco oferece à Igreja a oportunidade de revisitar os apelos conciliares à luz dos desafios atuais, promovendo uma renovação missionária que reconheça, valorize e fortaleça a presença ativa das mulheres. A missão feminina constitui sinal profético de esperança e transformação, convocando a Igreja a ser espaço de escuta, acolhimento, justiça e inclusão.

Por fim, esta proposta dialoga com diversos campos do saber - teologia feminista, ética social, antropologia cultural, ecologia integral e estudos de gênero -, reinterpretando a missão da mulher como expressão de liderança servidora, enraizada na espiritualidade mariana e nos fundamentos conciliares. Busca-se, assim, contribuir para a construção de uma Igreja mais sinodal, missionária e comprometida com a dignidade de todas as pessoas.

## 2. Fundamentos da missão evangelizadora da Igreja

A missão evangelizadora da Igreja está profundamente enraizada no mistério trinitário e na encarnação do Verbo, que inaugura a presença salvadora de Deus na história. Este ponto aborda os fundamentos teológicos e espirituais que sustentam a vocação missionária da Igreja, destacando a figura de Maria e conceitos contemporâneos que iluminam esse chamado.

### a. A base trinitária e eclesial da missão

A missão da Igreja encontra sua raiz mais profunda no mistério trinitário e na encarnação do Verbo, momento inaugural da presença salvadora de Deus na história humana. Esse fundamento é enfatizado pelo Concílio Vaticano II, especialmente nos documentos *Lumen Gentium* e *Ad Gentes*, que reafirmam a Igreja como comunidade missionária por sua própria natureza (AG 1-2; LG, 17). A missão eclesial consiste na participação ativa no desígnio salvífico de Deus, manifestado na proclamação do Evangelho a todos os povos e culturas. Para que esse anúncio seja fiel e frutífero, é necessário comunicar a verdade da salvação e levá-la até os confins da terra (At 1,8; LG, 17), em diálogo com os diversos contextos culturais - o que imprime à missão um dinamismo em permanente renovação.

Esse dinamismo se concretiza em processos de inculturação e discernimento, permitindo a formação de comunidades cristãs profundamente enraizadas nas realidades locais. A missão, portanto, é um exercício de comunhão, onde o Espírito Santo conduz a Igreja a anunciar o Reino de Deus de maneira viva e contextualizada. Nesse sentido, como afirma Mesters (1989, p. 13), “a Leitura Popular da Bíblia não começa pela Bíblia. Começa pela vida”. Evangelizar é partir da realidade concreta, da dor e da esperança dos povos, permitindo que a Palavra de Deus ressoe nas experiências humanas mais profundas e cotidianas.

O Concílio Vaticano II destaca a importância de interpretar os “sinais dos tempos” e relacioná-los ao Evangelho, para que a Igreja possa responder adequadamente às necessidades e aos desafios de cada geração (GS, 4). Evangelizar não é apenas transmitir doutrinas, mas viver um testemunho que transforma e se adapta às realidades contemporâneas. Essa base trinitária e eclesial é essencial para compreendermos o papel singular de Maria na missão da Igreja, que será aprofundado no tópico seguinte.



**b. Maria como paradigma missionário e a dimensão transformadora da missão**

Nesse horizonte, Maria se apresenta como paradigma da missão. Desde a Anunciação, ela acolhe uma vocação singular que inaugura a dinâmica missionária da Igreja. O seu “sim” livre e profundo (Lc 1,38) expressa a obediência e a disponibilidade de Maria à vontade divina, tornando-se ícone da missão e do serviço vivido no cotidiano.

Maria encarna a missionariedade como ato de amor gerador de vida, onde a escuta atenta e a presença compassiva se tornam eixos fundamentais de uma evangelização fundada na experiência concreta. Essa compreensão da missionariedade articula a figura de Maria com a realidade social, inserindo vocação e missão nas dinâmicas históricas e culturais do tempo presente. Tal perspectiva amplia o horizonte teológico da missão, evidenciando que a presença de Maria no coração da Igreja revela uma fé profundamente humana, compassiva e ressignificadora.

O conceito de metamorfose, proposto por Morin, ilumina profundamente a compreensão da missão eclesial. Segundo o autor, “quando um sistema é incapaz de enfrentar seus problemas vitais, ele se degrada, se desintegra ou então é capaz de suscitar um metassistema capaz de lidar com seus problemas: ele se metamorfoseia” (Morin, 2010, p. 1). Essa afirmação expressa o desafio da Igreja contemporânea: permanecer fiel ao Evangelho e, ao mesmo tempo, transformar-se diante das crises humanas, sociais e espirituais.

Para Morin (2010, p. 2), “a ideia de metamorfose, mais rica que a ideia de revolução, mantém sua radicalidade transformadora, mas a associa à conservação (da vida, da herança das culturas)”. Em chave eclesiológica, isso significa que a Igreja deve unir tradição e inovação, fidelidade e criatividade, mantendo o essencial da fé e abrindo-se a novos modos de expressá-la. A missão é, assim, um processo de metamorfose espiritual e comunitária que brota da escuta do Espírito Santo e do encontro com o outro. Avançando nessa reflexão, a ética do cuidado, proposta por Tronto (2008), oferece pistas para entender a missão como expressão de responsabilidade e reciprocidade, tema que aprofundaremos no próximo tópico.

**3. A metamorfose da missão da mulher no mundo**

Este ponto aprofunda a metamorfose da missão feminina na Igreja e na sociedade contemporânea, destacando a dignidade, corresponsabilidade e liderança das mulheres inspiradas em Maria, além da ética do cuidado como princípio central.

**a. A missão feminina na Igreja: vocação, dignidade e corresponsabilidade**

O Concílio Vaticano II trouxe contribuições decisivas para repensar a missão e o lugar da mulher na Igreja e na sociedade. A *Gaudium et Spes* reconhece que a vocação missionária é dom do Espírito Santo distribuído a todos os batizados, “no qual todos membros uns dos outros, se prestam mutuamente serviço, segundo os diversos dons a cada um concedidos” (GS, 32), o que suscita na Igreja diversas formas de serviço e ministério. Essa compreensão amplia o sentido da missão feminina, fundamentando-a na dignidade humana e na corresponsabilidade eclesial. Nessa perspectiva, ao destacar o protagonismo das mulheres como

testemunhas vivas, o decreto *Ad Gentes* reforça que os leigos “trabalham por instaurar na sociedade uma ordem de caridade e de justiça”, contribuindo para que “os grupos de fiéis se tornem, dia após dia, mais conscientemente comunidades de fé” (AG 19).

A missão feminina, nesse contexto, revela-se como um processo dinâmico de transformação: as mulheres convertem a dor em resistência, a exclusão em protagonismo e a fé em prática libertadora. Esse processo está enraizado na experiência vivida, pois, como destaca Josso (2004, p. 39), “aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulação e soluções teóricas”. A prática missionária feminina, portanto, não se baseia apenas em discursos, mas em uma sabedoria encarnada, construída na ação e na escuta do cotidiano.

Inspiradas em Maria - primeira discípula e missionária -, as mulheres são chamadas não apenas a acolher a Palavra, mas a gerá-la em gestos concretos de compaixão e justiça (Gebra, 1997, p. 101). Sob uma leitura conciliar e feminista, Maria emerge como discípula-missionária que escuta e acolhe a Palavra de Deus. Essa resignificação da missão feminina fundamenta-se em uma ética do cuidado que será abordada no tópico seguinte.

#### **b. A ética do cuidado e a liderança feminina transformadora**

O conceito de cuidado, como destaca Tronto (2008, p. 11), é uma “atividade humana que compreende tudo o que fazemos para conservar, perpetuar e reparar nosso mundo”, abrangendo pessoas, corpos e ambientes. Nessa perspectiva, o cuidado é mais do que uma atitude emocional: é uma prática ética e política que exige responsabilidade, competência e resposta às necessidades concretas do outro. Ao relacionar cuidado e liderança, Tronto (2008) denuncia a “marginalização dos cuidados”, frequentemente desvalorizados por serem associados à fragilidade e considerados um “trabalho pouco valorizado”, tanto na prática quanto conceitualmente, por estarem vinculados à esfera privada, à emoção e à necessidade.

A ética do cuidado, nesse contexto, propõe uma inversão paradigmática: transformar aquilo que, tradicionalmente, é visto como fraqueza - sensibilidade, atenção, cuidado - em força política e espiritual. Assim, a liderança das mulheres, tanto na Igreja quanto na sociedade, não se estrutura na lógica da dominação, mas na responsabilidade, na escuta e na reciprocidade - pilares de uma autoridade que cuida, transforma e sustenta a vida.

Em convergência com essa perspectiva, Molinier e Paperman (2015, p. 46) afirmam que o cuidado, entendido como processo - e não apenas como relação interindividual ou trabalho de proximidade -, permite refletir sobre a organização e a distribuição das responsabilidades que atravessam todos os níveis da vida social, do pessoal ao político. Para as autoras, “é a relação que cria a responsabilidade”, rompendo com a lógica individualista e patriarcal. Nesse sentido, o cuidado torna-se uma linguagem de justiça e interdependência, abrindo espaço para novas formas de liderança servidora, ética, coletiva e solidária. Essa visão dialoga com Morin (2010, p. 2), quando questiona: “Quais são as razões da esperança?” Ele propõe a ideia de metamorfose como um movimento vital que une revolução e conservação - da vida, da herança e das culturas (Morin, 2010, p. 1).





Inspirada na figura de Maria, a mulher contemporânea é chamada a viver uma metamorfose interior que se manifesta em formas de cuidado ativo e liderança servidora sensível - modos de transformar o mundo sem abdicar de sua própria essência. Essa missão, profundamente enraizada na escuta, na resistência e na esperança, revela uma presença feminina que evangeliza a partir da vida concreta e das margens. A arte também participa desse dinamismo transformador. A obra de Frida Kahlo, por exemplo, simboliza como a dor pode ser transfigurada em linguagem de resistência e afirmação da vida, expressando uma “dor atravessada” que denuncia a injustiça e anuncia novas possibilidades de existência (Eggert, 2011, p. 24).

Como observa Morin (2010, p. 3), “ao mesmo tempo em que forças regressivas ou desintegradoras atuam, forças criativas e geradoras despertam nas crises”. Essa afirmação aplica-se à caminhada das mulheres, cuja resistência e criatividade emergem justamente nos momentos de crise histórica, como sinais de renovação e esperança. A metamorfose feminina é, portanto, expressão da presença do Espírito Santo que renova todas as coisas. A ousadia de “ensaiar novos passos”, mesmo diante do risco do erro, constitui a essência da missão das mulheres na Igreja e no mundo (Gebara, 1997, p. 102). Cuidado e liderança servidora entrelaçam-se em uma mesma vocação: transformar a realidade com ternura, coragem e sabedoria. Assim, esse compromisso de cuidado e liderança abre caminho para a renovação pastoral da Igreja, tema do próximo ponto.

#### 4. Horizontes pastorais e espiritualidade mariana

Este ponto trata da resignificação dos horizontes pastorais da Igreja a partir do cuidado, da espiritualidade mariana e do protagonismo feminino, indicando pistas para uma missão evangelizadora mais inclusiva e resignificadora.

##### a. Renovação da missão pastoral: cuidado, escuta e liderança feminina

O decreto *Ad Gentes* convoca a Igreja a renovar-se continuamente para cumprir sua missão de “pregar o Evangelho e implantar a Igreja entre os povos que ainda não creem em Cristo” (AG, 6). Essa renovação é antes de tudo espiritual, exigindo abertura ao Espírito Santo e compromisso com o cuidado e a escuta. A missão pastoral, quando vivida a partir do amor trinitário, transforma-se em um exercício de comunhão e presença que testemunha a esperança no meio das crises do mundo.

Maria, mulher de fé ativa e profética, é o ícone dessa espiritualidade. O seu “sim” inspira a Igreja a viver uma missão marcada pela proximidade e compaixão. A sua atitude de escuta e de serviço revela o paradigma do cuidado como forma de liderança espiritual: uma liderança que não domina, mas serve; que não impõe, mas acompanha. O protagonismo feminino não é mera reivindicação, mas um chamado pastoral para o nosso tempo.

De acordo com Tronto (2008, p. XVII), esse cuidado implica “uma forma de relação contínua” e está intrinsecamente ligado à responsabilidade e à competência moral. Para enfrentarmos essa questão de maneira diferente, afirma a autora, é necessário compreender o cuidado como um conceito moral e político integral, capaz de transformar o contexto no

qual refletimos sobre ele. Essa concepção desafia as estruturas eclesiais a passarem por um processo de metamorfose, superando a lógica hierárquica tradicional em favor de uma lógica relacional, na qual cuidar também significa exercer autoridade com ternura, compromisso e escuta. Nessa ótica, reconhece que a presença feminina enriquece o testemunho e amplia a dimensão afetiva e relacional da fé. Em um mundo marcado pela fragmentação e pela indiferença, a liderança feminina introduz a lógica do cuidado e da corresponsabilidade, resgatando o sentido de comunidade e de solidariedade.

### **b. Metamorfose eclesial: justiça, inclusão e esperança**

Molinier e Paperman (2015, p. 49-50) ressaltam uma dificuldade concreta e estrutural: “como podem ser articuladas essas abordagens do cuidado em diferentes níveis?” As autoras argumentam que as relações de cuidado expõem “as assimetrias de responsabilidades desiguais que estruturam a vida social”, evidenciando as desigualdades subjacentes às práticas de cuidado. Refletir sobre o cuidado em perspectiva eclesial, portanto, implica também repensar a liderança, a justiça e a inclusão como dimensões inseparáveis da missão.

Quando cuida, a Igreja torna-se sinal do Reino de Deus: uma comunidade que serve, escuta e partilha, encarnando, em suas práxis, uma forma de autoridade baseada na solidariedade e na responsabilidade mútua. Nessa perspectiva, o Jubileu de 2025 configura-se como uma oportunidade privilegiada de metamorfose eclesial, especialmente à luz da provocação de Morin (2010, p. 2): “Tudo precisa ser repensado. Tudo precisa ser reiniciado”.

Essa renovação não significa ruptura, mas sim uma ressignificação da identidade missionária da Igreja, em diálogo com os desafios do tempo presente. A metamorfose, nesse contexto, é compreendida como um processo dinâmico que integra continuidade e mudança, tradição e inovação, fidelidade e criatividade - à semelhança de Maria, que acolhe o novo sem renunciar às raízes da fé. Como recorda Morin (2010, p. 3), a “verdadeira esperança sabe que não é certeza. É a esperança, não no melhor dos mundos, mas em um mundo melhor [...]. A metamorfose seria uma nova origem”. É essa esperança que fundamenta tanto o agir pastoral quanto a espiritualidade mariana, ambos capazes de reconhecer nas crises da humanidade uma possibilidade de renovação espiritual e eclesial.

Nessa integração dinâmica, espiritualidade, ética e estética configuram uma verdadeira pedagogia da vida, onde memória, fé e criatividade se entrelaçam de forma superabundante (Eggert, 2011, p. 24). Conforme propõe Gebara (1997, p. 101), é necessário “ensaiar novos passos”, tecer “novos tecidos, novos vinhos, novos corpos e lugares”, reafirmando, com coragem profética, a metamorfose que conduz à vida plena. Inspiradas na figura de Maria, as mulheres assumem o protagonismo da missão em uma Igreja em saída - solidária, inclusiva e esperançosa -, capaz de anunciar o Evangelho a partir da autenticidade da vida cotidiana. Reafirma-se, assim, a urgência de uma renovação contínua da missão eclesial, que reconheça e acolha a força transformadora do feminino como caminho para a construção de uma Igreja mais justa, fraterna e fiel ao Evangelho.





## 5. Considerações Finais

A reflexão teológico-pastoral desenvolvida neste estudo reafirma que a missão evangelizadora constitui a essência da identidade eclesial, manifestando-se na vida concreta das comunidades e de cada pessoa batizada. Mais que um conjunto de ações funcionais, a missão é presença encarnada, traduzida em escuta ativa, cuidado mútuo e solidariedade com os vulneráveis e marginalizados. Evangelizar é tornar visível a ternura de Deus no coração da história, abrindo caminhos para que a Boa-Nova alcance realidades humanas desafiadoras.

No horizonte da missão feminina, evidenciou-se que sua atuação representa um processo contínuo de metamorfose e recriação. Inspiradas por Maria, as mulheres assumem papel protagonista e criativo na evangelização, contribuindo para comunidades mais justas, acolhedoras e abertas ao diálogo. Esse protagonismo amplia a missão como movimento vital e renovado, respondendo aos desafios de cada tempo. O agir missionário das mulheres não é complemento da ação pastoral, mas dimensão essencial da vida eclesial, pois revela o rosto misericordioso e transformador do Evangelho.

A missão feminina, como expressão da metamorfose eclesial, manifesta a ação vivificadora do Espírito Santo, que suscita vida nova em contextos de dor, silenciamento e exclusão. Em cada gesto de cuidado e solidariedade, as mulheres encarnam uma teologia viva, em que o amor se traduz em compromisso com a vida e com a dignidade humana. Essa espiritualidade cotidiana - muitas vezes silenciosa e marginal - constitui verdadeiro lugar teológico, fonte de renovação da Igreja e esperança para o mundo.

Ao aprofundar a espiritualidade do cuidado, da escuta e do serviço, o protagonismo feminino fortalece a missão eclesial num mundo marcado pela pluralidade cultural, social e espiritual. Evangelizar vai além da transmissão da fé: é traduzir o Evangelho em gestos que acolhem a dor, promovem a dignidade e alimentam a esperança. Essa missão exige diálogo com os desafios contemporâneos, especialmente no campo da justiça social e da promoção da vida. Evangelizar, nesse horizonte, é aproximar-se da condição humana em sua complexidade, reconhecendo a presença de Deus nas histórias concretas, especialmente nas marcadas pelo sofrimento.

O Jubileu de 2025 configura-se como oportunidade singular para a Igreja aprofundar sua identidade missionária e, especialmente, reconhecer a vocação e o papel das lideranças femininas. Esse tempo de graça convida à renovação, valorizando a contribuição das mulheres na evangelização e promovendo sua presença corresponsável nas instâncias eclesiais. Tal processo não rompe com a Tradição, mas a revitaliza à luz do Espírito Santo, que continua a conduzir a Igreja por caminhos de escuta e docilidade. A missão, como metamorfose contínua, desafia a Igreja a reinventar suas formas de presença no mundo, tornando-se cada vez mais participativa, acolhedora e comprometida com a transformação social.

Além disso, essa reflexão destacou a importância de compreender a missão feminina à luz de uma espiritualidade mariana que privilegia escuta, fidelidade e discipulado como fundamentos da ação missionária. Essa inspiração favorece uma liderança servidora, sustentada não no poder, mas na capacidade de gerar comunhão e promover a vida. Maria oferece um

modelo eclesial de maternidade espiritual e proximidade compassiva, recordando que a verdadeira autoridade na Igreja nasce do serviço e da entrega amorosa. Essa perspectiva abre caminhos fecundos para a construção de uma Igreja sinodal, comunidade em saída, aberta ao encontro e comprometida com a justiça.

Compreendida assim, a missão evangelizadora das mulheres torna-se sinal eloquente de esperança e transformação para a Igreja e o mundo. Ela convoca os batizados a uma postura renovada de escuta e cuidado, num tempo que clama por solidariedade, justiça e inclusão. Essa atitude requer conversão pastoral e espiritual, para que a Igreja seja espaço de acolhida, discernimento e libertação. A presença ativa das mulheres na teologia, nos serviços e na vida comunitária testemunha que o Espírito Santo continua a gerar novidade e fecundidade na missão.

Ao reafirmar o protagonismo feminino na missão, essa reflexão contribui para fortalecer uma Igreja mais acolhedora e comprometida com a dignidade de todas as pessoas, oferecendo respostas pastorais fiéis ao Evangelho. A missão evangelizadora torna-se, assim, modo de viver a comunhão trinitária no mundo. Na escuta, no silêncio orante e na ação transformadora, a Igreja reencontra sua vitalidade missionária. O chamado à metamorfose espiritual e pastoral é convite permanente à esperança e à criatividade: ser, como Maria, uma Igreja que continuamente gera Cristo na história, sinal vivo de um Deus que transforma, renova e salva.

## 6. Referências

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes: constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje*. 1965a. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 2 out. 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes: decreto sobre a atividade missionária da Igreja*. 1965b. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_ad-gentes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html). Acesso em: 2 out. 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium: constituição dogmática sobre a Igreja*. 1964. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html). Acesso em: 2 out. 2025.

EGGERT, Edla; SILVA, V. *Mulheres, corpos e resistências*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Em memória dela: uma reconstrução teológica das origens cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GEBARA, Ivone. *Romper o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 1997.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiência de vida e formação*. Tradução de Elita Scatena. Porto Alegre: Artmed, 2004.



MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras: um estudo sobre a Bíblia e sua interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1989.

MOLINIER, Pascale; PAPERMAN, Patricia. *A ética do cuidado: relações e responsabilidade*. São Paulo: Paulus, 2015.

MORIN, Edgar. *Éloge de la métamorphose*. *Le Monde*, Paris, 9 jan. 2010. Tribune. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/idees/article/2010/01/09/elog-de-la-metamorphose-par-edgar-morin\\_1289603\\_3232.html](https://www.lemonde.fr/idees/article/2010/01/09/elog-de-la-metamorphose-par-edgar-morin_1289603_3232.html). Acesso em: 2 out. 2025.

TRONTO, Joan. *Cuidado: feminismo, ética e política*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

Recebido: 15 de outubro de 2025 | Aceito: 27 de outubro de 2025